

Voracidade e inveja: algumas considerações sobre a vida mental arcaica

Voracity and Envy: a few considerations about archaic mental life.

Talita Cristina Somensi Dias

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo revisitar o conceito de voracidade na obra de Melanie Klein, estabelecendo diferenças e relações com o conceito de inveja apresentado pela autora. Tais conceitos serão ilustrados por meio de trechos de duas histórias infantis, “João e Maria” e “Branca de Neve e os sete anões”. Trata-se de uma reflexão que teve como ponto de partida o segundo Seminário teórico/clínico realizado no evento Melanie Klein: inveja e gratidão 60 anos, no qual apresentei um caso clínico que foi comentado por Luiz Tenório Oliveira Lima. A voracidade, de natureza oral, é inerente aos primeiros desejos dirigidos ao objeto. Surge quando os impulsos destrutivos são reforçados, em virtude das privações advindas de fontes internas ou externas (experiências de frustração). A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável que visa escavar e devorar o objeto. Já a inveja é o sentimento raivoso de que o outro possui algo desejável, sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de

Abstract:

This paper aims to revisit the concept of voracity in the work of Melanie Klein, establishing differences and relations with the concept of envy presented by the author. Such concepts will be illustrated by excerpts from two children's stories, “John and Mary” and “Snow White and the Seven Dwarfs.” It is a reflection that had as its starting point the second theoretical / clinical Seminar held at the event “Melanie Klein: envy and gratitude 60 years”, in which I presented a clinical case that was commented by Luiz Tenório Oliveira Lima. Voracity, of an oral nature, is inherent in the first desires directed to the object. It arises when the destructive impulses are reinforced, due to the privations from internal or external sources (experiences of frustration). Voracity is an impetuous and insatiable eagerness to dig and devour the object. Envy, on the other hand, is the angry feeling that the other possesses something desirable, and the envious impulse to take away this something or to

estragá-lo. Apesar de estabelecer diferenças entre os conceitos, Klein (1957) aponta para a existência de uma conexão íntima entre inveja e voracidade. É preciso lembrar que a pessoa demasiadamente invejosa é também insaciável e que a inveja é igualmente dirigida ao primeiro objeto, porém com objetivo de causar estragos. Ambas (voracidade e inveja como corolários dos impulsos destrutivos) podem perturbar a primeira relação com o objeto e dificultar o estabelecimento das identificações mais primordiais e posteriormente o estabelecimento da posição depressiva. Deste modo percebe-se que tanto a inveja quanto a voracidade estão presentes na primeira relação com o objeto e ambas, quando excessivas, prejudicam os processos primários de introjeção, bem como podem dificultar o estabelecimento do bom objeto interno e processos identificatórios. Enquanto a voracidade, em sua ânsia pela nutrição, esvazia o objeto, a inveja, que também pode ser insaciável, causa estragos e o danifica. Ambas são expressões da vida mental arcaica, amplamente trabalhada por Melanie Klein e que servem como importantes operadores do pensamento clínico atual.

Palavras-chave:

Voracidade; Inveja; Histórias infantis; Melanie Klein.

spoil it. Despite establishing differences between concepts, Klein (1957) points to the existence of an intimate connection between envy and voracity. It should be remembered that the overly envious person is also insatiable and that envy is equally directed to the first object, but with the purpose of wreaking havoc. Both (voracity and envy as corollaries of destructive impulses) can disturb the first relation with the object and make it difficult to establish the most primordial identifications and, later, the establishment of the depressive position. In this way, both envy and voracity are present in the first relation to the object and both, when excessive, hinder the primary processes of introjection, as well as may hinder the establishment of good internal object and identification processes. While voracity, in its craving for nourishment, empties the object, envy that can also be insatiable wreaks havoc and damages it. Both are expressions of archaic mental life, widely worked developed by Melanie Klein and serve as important operators of current clinical thinking.

Keywords:

Voracity; Envy; Children's stories; Melanie Klein.

*Ponha aqui o seu dedinho... pra ver se está bem gordinho!!!
Que delicioso manjar, terei quando aos dois engordar!
Joãozinho que era levado, um rabo de rato tinha guardado.
Invés do gordo dedinho, por entre as grades mostrava o rabinho.
Certo dia, porém, o coitado perde o rabinho, que desastrado!
E à velha não pode negar: Mostre o dedinho! Pôs-se a chorar.
A velha contente para os dois assar, prepara a fogueira, pra lhes enganar:
Venham cá, ó meus netinhos. Venham catar gravetinhos,
que é para o frio espantar. Venham a fogueira pular.
Mas, Joãozinho anda ligeiro: Pule a senhora, primeiro.
Erra o pulo, a feiticeira; tropeça e cai na fogueira¹.*

NESTE TRABALHO APRESENTAREI algumas considerações sobre o segundo Seminário teórico/clínico realizado no evento “Melanie Klein: inveja e gratidão 60 anos”, no qual apresentei um caso clínico que foi comentado por Luiz Tenório Oliveira Lima. Iniciei o seminário com a apresentação de fragmentos do caso de uma mulher com mais de 40 anos, cuja queixa inicial era o sentimento de esvaziamento na vida e que havia retornado para a análise comigo, após ter interrompido o processo alguns anos antes.

Assim que concluo a apresentação do caso e a partir do material clínico, Luiz Tenório dá início aos seus comentários apresentando um trecho da história infantil “João e Maria”. Conta-nos sobre o momento em que Joãozinho, temendo ser devorado pela bruxa má, caso esta visse seus dedos gordinhos, mostra-lhe o rabo de um rato e assim engana a bruxa. A partir desta história, fruto das fantasias do analista, introduziu na discussão o conceito de voracidade, como norteador de suas construções teórico-clínicas.

Conceito este que logo me levou a pensar sobre suas diferenças e aproximações com a definição de inveja. A partir disto, pretendo revisitar o conceito de voracidade na obra de Melanie Klein, estabelecendo as diferenças em relação ao conceito de inveja apresentado pela autora. Além disso, procurarei ilustrar os conceitos com trechos de duas histórias infantis, “João e Maria” e “Branca de Neve e os sete anões”. Optei pelas histórias e por isso não apresentarei outros dados além dos já apresentados sobre o caso, por entender que o material escolhido atende ao objetivo proposto: refletir e aprofundar a compreensão do conceito de voracidade e sua relação/diferença com o conceito de inveja.

1 (<https://artecontos.blogspot.com/2012/05/joaozinho-e-maria.html>)

As primeiras experiências do bebê com a alimentação e presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela, à qual se ligam as pulsões desde o início da vida. Por meio do processo primário da projeção, os impulsos destrutivos (expressões da pulsão de morte) parecem ligar-se imediatamente a um objeto, vivido na fantasia como mau objeto, o que se intensifica diante de situações de frustração. De outra parte, o processo de introjeção, predominantemente a serviço da pulsão de vida, permite ligar o trabalho interno da pulsão de morte “porque leva o ego a receber algo vitalizador” (KLEIN, 1958, p.272), vivido como experiência com o bom objeto, que constitui o núcleo do ego e dará sustentação para seu desenvolvimento. Deste modo, através das trocas projetivas e introjetivas se construirá lentamente um mundo complexo de fantasias de self e objetos. (SPILLIUS, 2007)

A voracidade é inerente aos primeiros desejos dirigidos ao objeto. Surge quando os impulsos destrutivos são reforçados, em virtude das privações advindas de fontes internas ou externas (experiências de frustração). “Surgiu que uma tal alteração no equilíbrio entre libido e agressão dá origem à emoção chamada voracidade, que é em primeiro lugar e acima de tudo, de natureza oral.” (KLEIN, 1952, p.87)

Klein (1957) diferencia inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que o outro possui algo desejável, sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. A inveja remonta a relação mais arcaica com a mãe, pressupondo uma relação com uma só pessoa. Já o ciúme, baseado na inveja, envolve a relação com pelo menos duas pessoas e diz respeito ao amor que o indivíduo sente que lhe foi tirado em favor de um rival (cenário edípico). Quanto à voracidade, tem-se a seguinte definição:

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio, ou seja, seu objetivo é introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar desta maneira, mas também depositar maldade (...) No sentido mais profundo, isso significa destruir a criatividade da mãe. (KLEIN, 1957, p.212)

Apesar de estabelecer diferenças, Klein (1957) aponta para a existência de uma conexão íntima entre inveja, ciúme e voracidade. É preciso lembrar que a pessoa demasiadamente invejosa é também insaciável e que “a inveja pa-

rece ser inerente à voracidade oral” (KLEIN, 1952, p.103), sendo igualmente dirigida ao primeiro objeto, porém com objetivo de causar estragos. Ambas (voracidade e inveja como corolários dos impulsos destrutivos) podem perturbar a primeira relação com o objeto e dificultar o estabelecimento das identificações mais primordiais. Klein (1957) afirma que a voracidade, inclusive, pode ser usada como defesa contra a inveja. Através da introjeção e controle voraz do objeto, os bons atributos tornam-se posse do bebê e não mais pertencem ao objeto, o que contrabalançaria a inveja. Porém, a possessividade violenta faz o bom objeto ser sentido como perseguidor e as consequências da inveja voltam a ser sentidas.

Neste sentido e com vistas à diferenciação entre os conceitos vamos à apresentação das histórias infantis. Enquanto a voracidade pode ser ilustrada pelo trecho citado na história de “João e Maria”, a inveja talvez seja mais bem representada pela história da “Branca de Neve e os sete anões”, mais especificamente a relação da Branca de Neve com a bruxa/madrasta. Para ilustração selecionei o trecho em que a madrasta, por não poder suportar olhar para o espelho e já não ser a mais bela de todas, deseja e planeja a morte de Branca de Neve. Inveja a juventude e a beleza da enteada e por isso, após tentativas fracassadas de matá-la (o invejoso é insaciável), lhe entrega uma maçã envenenada. Como Luiz Tenório nos lembrou, as relações invejosas são também competitivas e acompanhadas de rivalidade. Ao retornar ao castelo a bruxa pergunta ao espelho:

- Espelho, espelho, vem já e me diz quem é a mais linda de todo o país? E o espelho finalmente respondeu:
- Senhora Rainha, tu és a mais linda de todo o país. Então seu coração invejoso ficou sossegado - se é que um coração invejoso pode ficar sossegado. Quando os anões voltaram para casa ao cair da noite, encontraram Branca de Neve caída no chão. (https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve)

Na história infantil, a bruxa acreditava que o objeto invejado havia sido destruído. Porém, a morte de Branca de Neve foi evitada com o beijo de amor verdadeiro do Príncipe/objeto ideal, capaz de mitigar os efeitos mortíferos da inveja (amor que mitiga o ódio). No entanto, há que se perguntar, se um coração quando excessivamente invejoso pode encontrar algum sossego.

Estas histórias podem ser tomadas como formas de compreender a experiência analítica, pois muitas vezes surgem nas fantasias e associações do analista durante uma sessão, ou durante apresentações de casos, como aconteceu no seminário teórico/clínico em questão. Assim será preciso atentar às sutilezas da relação para saber qual é o conto infantil que está sendo encenado em determinado momento do processo analítico, no “aqui e agora” da sessão e então priorizar na hora da interpretação. Tanto Joãozinho quanto Branca de Neve e as bruxas são personagens da vida emocional arcaica e os contos talvez possam ser utilizados como recursos interpretativos, em que histórias surgem como frutos das fantasias e do sonhar juntos da dupla analítica.

As histórias e narrativas estão disponíveis ao analista para contar histórias sobre emoções, angústias e experiências próprias à porção infantil da personalidade. Ferro (1998) destaca a necessidade de narrar diante do medo, de angústias e terrores mais primitivos: “É para dar uma resposta a medos e angústias próprias que estes são transformados narrativamente e, ao invés de tornarem-se sintoma ou comportamento, tornam-se histórias (filmes, contos, pintura etc.).” (p.175)

Por meio das histórias torna-se possível falar dos terrores e da dor que acompanha a experiência do sujeito, quando entra em contato com os aspectos invejosos e/ou vorazes da personalidade. Quando os ataques fantasiados são influenciados pela voracidade, o objeto é esvaziado e espoliado e devido à projeção surge o medo da voracidade do objeto, o que incrementa a angústia persecutória (KLEIN, 1952). Joãozinho, por exemplo, teme a bruxa voraz, por isso encobre o dedo gordinho, mantendo encoberto o que é indicador de alimento, bem como a própria voracidade.

Quando Luiz Tenório se lembra de Joãozinho ao escutar sobre a paciente com queixa de vazio, entende o esvaziamento interno como fruto da identificação com o objeto esvaziado pela própria voracidade. O temor da paciente, assim como de Joãozinho, a leva defensivamente a encobrir o que representa alimento e nutrição, não reconhecendo as riquezas/recursos internos, tampouco aquilo que poderia nutrir a partir do mundo externo e na relação de análise, perpetuando o vazio. A voracidade excessiva dificulta o estabelecimento de identificação genuína com o bom objeto, pois ao prejudicar os processos introjetivos compromete a edificação de um solo interno firme.

A introjeção segura do bom objeto é condição fundamental para o estabelecimento da posição depressiva. A voracidade e as defesas contra ela desempenham um papel importante neste momento, pois a angústia de

perder o objeto amado irrecuperavelmente aumenta a voracidade, sentida como destruidora e incontrolável (KLEIN, 1952). Com isso, há pouca condição para tolerar frustração e perda, vivenciar o luto e reparar o objeto perdido. Isto porque:

[...] a capacidade de receber ‘aquilo que é bom’, em primeiro lugar receber da mãe a comida e o amor desejados, e a necessidade de nutri-la em retribuição, restaurando-a dessa forma – a base para sublimações orais – são uma precondição para um desenvolvimento genital bem-sucedido.

(KLEIN, 1952, p. 107)

Na posição depressiva, o sujeito é capaz de receber e reconhecer o bom do objeto, além de expressar gratidão. Neste cenário surge a possibilidade de responsabilizar-se pelo objeto amado, agora reconhecido e considerado enquanto outro. Surge também a capacidade de se responsabilizar (predomínio da introjeção) pelo mundo interno, com suas dores e alegrias e assim sentir-se preenchido pelas próprias experiências emocionais. Quando a posição depressiva não é alcançada com relativa segurança, em partes pela voracidade que impede a verdadeira introjeção do objeto, perpetuam-se estados de empobrecimento e esvaziamento psíquicos.

Diante do exposto, percebe-se que tanto a inveja quanto a voracidade estão presentes na primeira relação com o objeto e ambas, quando excessivas, prejudicam os processos primários de introjeção, bem como podem dificultar o estabelecimento do bom objeto interno e processos identificatórios. Enquanto a voracidade, em sua ânsia pela nutrição, esvazia o objeto, a inveja que também pode ser insaciável causa estragos e o danifica. Ambas são expressões da vida mental arcaica, amplamente trabalhada por Melanie Klein e que servem como importantes operadores do pensamento clínico atual.

Portanto, finalizo este breve trabalho juntando-me ao coro proposto por Marracini (2017) quando afirma que Klein precisa ser lida, pois este evento mostrou a todos que lá estivemos que mesmo após 60 anos da publicação de *Inveja e Gratidão*, seu pensamento continua vivo e inspirador. Expresso minha gratidão ao Departamento Formação em Psicanálise pela organização do evento e convite para apresentação do caso, assim como a Luiz Tenório Oliveira Lima pelos comentários tecidos durante o seminário teórico/clínico.

REFERÊNCIAS

FERRO, A. *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 252p.

KLEIN, M. (1952) Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 85-118.

_____. (1957) Inveja e gratidão. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.205-267.

_____. (1958) Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.268-279.

MARRACCINI, E.M. Klein: Legado e contemporaneidade. In: *Boletim formação em psicanálise*. Ano XXV, v.25, p. 153-157, jan/dez. 2017.

SPILLIUS, E.B. *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.368p.